

# Japão: Algumas Reflexões

Marco Antonio Leitão Brandão

Grupo de Dinâmica de Sistemas

Escola de Engenharia de São Carlos - USP

## Introdução

Em nosso estudo anterior (Brandão, 1991) destacamos: “(...) considerando-se que no Oriente o indivíduo é subsumido pelo grupo (e que sociedades como a do Japão são pré-socráticas) verifique-se que no campo da engenharia de produção - o estudo do processo decisório no Japão (RINGUI), o sentimento de se viver uma ‘vida que vale a pena’ (IKIGAI), o espírito japonês (YAMATO DAMASHI, BUSHIDÔ), a harmonia (WA) etc. devem ser fundamentadas no contexto específico onde o HUMANISMO - como verificado no Ocidente - não se infiltrou profundamente nas camadas da sociedade e não influenciou decisivamente o povo (...)”.

Neste estudo, procura-se ampliar o espectro de argumentação e a expectativa é trazer ao campo de análise dos estudiosos do sistema japonês de gerenciamento e gestão do trabalho etc. um instrumental que julgamos necessário para apreensão destas questões no Japão.

Estudos como de Barbuy (1961), Mourão (1990), Gonçalves (1967), Utley (1963), Barret (1945), Nogueira (1957), Penna (1962, 1977), Campos (1957), infelizmente, não constam das referências bibliográficas dos diversos estudos e teses feitas por pesquisadores nesse campo em nosso país\*, apesar de permitirem um espectro extremamente rico. Nos estudos comparativos - e na literatura são comuns os que procuram traçar paralelos entre os aspectos gerenciais e de gestão do trabalho no Brasil, Japão e França - nota-se uma ausência de apreensão do instrumental de análise como os fornecidos pelos autores citados, para uma perquirição de aspectos da idiosincrasia oriental, e em particular do Japão.

Considerando-se que a gerência tem como matéria-prima a herança, os valores culturais, as crenças e tradições que compõem o universo existencial das pessoas, trata-se de um aspecto de importância fundamental.

Ohnoísmo, Sonysmo, Toyotismo, etc. são palavras-chave que já adquirem presença cotidiana no vocabulário de gerentes, administradores e engenheiros de produção. Mas é necessário ir além dos aspectos meramente tecnicistas.

## Ocidente: o Indivíduo x Oriente: o Grupo

Solicitamos ao leitor licença para incorporar no corpo principal deste estudo algumas citações que julgamos fundamentais:

Mourão (1990): “(...) No Ocidente, a humanidade não vale nada, senão em função do homem. No Oriente, o indivíduo não vale nada senão em função da coletividade. Mais uma vez também é bom deixar claro que a dicotomia não se rege por nenhum espaço geográfico. Seu espaço é a história do homem (...)”

Penna (1977): “(...) Contemporaneamente, naquilo que Karl Jaspers denominou o “período social” (Nota: acreditamos que no original do autor esteja escrito ‘Período Axial’, mencionado em outros estudos), os sábios do Oriente, um Buda Gautama, um Confúcius, um Lao Tzu, um Chuang Tzu, também tentavam orientar o homem em seu rude caminhar na estrada íngreme do progresso espiritual. Estes mestres, porém, consistentemente negaram a legitimidade e mesmo a exequilidade de afirmação da consciência individual no mundo e contra o mundo, pregando os conceitos místicos de absorção e identificação do Si-próprio na totalidade cosmológica (...)”

Bradesco (1961): “(...) Era o indivíduo do séc. XIV, em pleno desabrocho, visando à conquista de sua liberdade com relação à ‘ordem estabelecida’.

A metamorfose era a tal ponto explosiva que os juristas da época imediatamente posterior - em plena Renascença - foram obrigados a definir a noção de liberdade política, reconhecendo assim a importância intrínseca adquirida pelo indivíduo (...). Por isso pode-se dizer que a Renascença constitui uma vitória do indivíduo sobre a coletividade (...)”.

É reconhecido o fato de que a liberdade como é subsumida no Humanismo Ocidental não penetrou nas raízes ônticas e culturais dos povos asiáticos.

Sun Yat Sen (Malraux, 1968) destaca que: “(...) Se falarmos em liberdade ao homem da rua ... certamente não nos compreenderá. A razão pela qual os chineses não dão, na realidade, nenhuma importância é porque a própria palavra que a designa é de importação recente na China (...)”.

Na Índia das castas - que parece em rota de uma violenta comoção interna - líderes como Mahatma Gandhi ou Nehru tinham em conta este espectro (Malraux, 1968).

Mourão (1990) registra Mao Tse Tung: “(...) é sempre o homem que acaba ganhando (...)”.

No Japão, ao contrário, essa interação com o Humanismo Ocidental de lideranças expressivas é praticamente nula.

Um exemplo. No Brasil - e no Ocidente - é bastante conhecido o cineasta Akira Kurosawa. Note-se que no Japão é considerado um ‘ocidentalizado’! Claro, Kurosawa é um Humanista - na radicalidade da palavra - herdeiro de Dostoiévsky, Tolstói, Shakespeare - o que implica numa relação complexa do cineasta e obra com o próprio Japão.

Em Kurosawa pode-se resgatar as palavras do imperador romano Marco Aurélio: “(...) Minha cidade e país na medida que sou Antonino é Roma; mas na medida que sou um homem, é o mundo (...)”. A Roma do director de Ikiru (Viver) é o Japão.

Outro exemplo significativo. O escritor Yukio Mishima - a nossa ver - herdeiro de Kita Ikki (militante e ideólogo de um niponismo mítico nos anos 20/30) - tem no título de seu livro *Marinheiro que Caiu Em Desgraça Com O Mar* uma metáfora formidável: Japão/marinheiro, Mar/ocidente. Mas há em

(\*) No Brasil

Mishima um niponismo mítico que as elites do Japão, inexoravelmente, tiveram de sobrepujar e lançar-se ao mar, como indicado por Yoshida Shoin.

Fizeram-no revelando extremo pragmatismo. Este parece ser um carácter marcante da idiossincrasia japonesa, o que indica que palavras como 'milagre' estão fora de ressonância e contexto quando aplicadas ao Japão.

Penna (1977) enfatiza este aspecto: "(...) **No confucionismo, excepcionalmente, uma filosofia eminentemente social e ética ergue sua gigantesca estrutura que molda a civilização chinesa durante mais de dois mil anos. Mas a prova de que o confucionismo não satisfaz os ímpetus religiosos das populações chinesas ou sob influência chinesa, está no fato da introdução posterior do Budismo. O homem vive socialmente como confucionista, mas nasce como taoísta e morre budista. Somente o japonês, que é um animal eminentemente político e pragmático, foi capaz por um *tour de force* (Nota: grifo do autor) extraordinário, de reconciliar os requisitos do Estado com os de uma fé como essa, tão negadora da vida. No Japão testemunhamos o paradoxo de seitas de monges guerreiros. A nobreza nipônica adota também o Zen, que é uma técnica de introversão destinada à classe militar dos Samurais(...)**".

É este o Japão que fagocita o "Homo Industrialis" gestando no Ocidente desporvido do "Homem é a medida de todas as coisas".

Trata-se de um aspecto fundamental e radical.

É uma questão a considerar-se quando se discute a emergência de um antiniponismo ou raiz de "O medo é amarelo" comentado por Resende (1991) ao destacar recentes declarações de Cresson - integrante do governo francês - e ao recordar a "Febre Amarela" de Miguel Couto sobre a imigração asiática ao Brasil.

Não se cinge apenas ao que constata o jornalista quando comenta

"(...) **Hoje os nisseis voltam ao Japão. Ninguém mais quer ser brasileiro. E vem agora Madame Cresson com sua paranóia. Os Japoneses vão dominar até os Estados Unidos, se os americanos não abrirem os olhos. É o que ela garante. Olhinhos oblíquos e míopes, os nipões trabalham em silêncio, com indecifráveis ideogramas. Delicadíssimos, sorriem para madame Cresson. É o sorriso da prosperidade, que nada tem de amarelo (...)**".

O "medo é amarelo" de Resende traz à memória a lembrança do "perigo amarelo". A complexa relação Ocidente - Não ultrapassa uma simples constatação de uma "obsessão antinipônica", ou "paranóia" ou que os japoneses exibem um "sorriso de prosperidade".

## Conclusão

Estamos assistindo a um processo muito profundo e complexo na relação Ocidente x Não-Ocidente, particularmente do Extremo Oriente, hoje bastante mediatizado pela ciência e tecnologia.

O esfacelamento do "socialismo real" é um fato incontestável.

Mas, verifique-se um outro aspecto. Nogueira (1957) observava" (...) **que o verdadeiro embate, aquele que a história registrará se produz entre civilizações e não entre ideologias transitórias(...). O ressurgimento do Extremo Oriente não se cinge aos aspectos econômicos e financeiros. É sobretudo cultural e político. Mais: é fundamentalmente emocional (...). Todavia, e na medida em**

**que tem as suas raízes doutrinárias no Ocidente, o comunismo não é uma criação da Ásia amarela, indostância ou malaia. Por outro lado, a democracia representa um espírito, uma tradição sem raízes próximas na Ásia. Como ideal de vida, como processo mental, como expressão de uma cultura a democracia tem entre si e o Oriente um abismo profundo. Deste modo, não devemos acreditar numa conversão total da China ao comunismo soviético - não obstante as aparências transitórias do momento. Nem devemos pensar que a democracia ocidental, pelas mãos dos americanos, se instalou definitivamente no Japão - sem embargo das manifestações externas que a política nipônica nos oferece hoje(...)**".

Escrito há mais de três décadas a análise de franco Nogueira revela uma estupenda rivalidade. Basta ver a China (e fazer-se uma releitura da tragédia de Tien An Men), os Tigres Asiáticos, o Japão, etc.

E tudo isso é patente nos Sonhos (ou Pesadelos?) de Akira Kurosawa. Ou em Akio Morita?

## Referências Bibliográficas

[1] John P. Alston, Guanxi and Inhwa Wa. *Managerial Principles in Japan, China and Korea*, Business Horizons, mar / apr, v. 32, n.2, 1989.

[2] Heraldo Barbuy, *Cultura e Processo Técnico*, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, USP, Boletim n. 18, 1961.

[3] F. Barret, *L' evolution du capitalisme japonais*, Editions Sociales, Tome Premier / second / troisième, Paris, France, 1945.

[4] Franco Bradesco, *A idéia da liberdade na época humanista*, Revista de estudos políticos, Universidade de Minas Gerais, n. 15, pp. 73-126, 1963.

[5] Marco A. L. Brandão, *Japão, Ilha de Fantasia?*, mimeo, depto Mecânica, Laboratório de Dinâmica das Máquinas e Sistema, EESC, USP, 1991.

[6] Roberto O. Campos *Cultura e Desenvolvimento*, Digesto Econômico, n. 134, mar/abr, ano XIII, pp. 28-36, 1957.

[7] Ricardo M. Gonçalves, *A idéia da decadência no budismo japonês: uma concepção da história*, I Colóquio Brasil-Japão, pp. 57-73, 1967.

[8] André Malraux, *Antimemórias*, Difusão Européia do Livro, 1968.

[9] Robert M. March, *No-Nos in negotiating with the Japanese*, Across the Board, v. 26, n. 4, apr, 1989.

[10] Gerardo M. Mourão, *A invenção do saber*, Ed, Itatiaia, 1º ed., 1990.

[11] José O. M. Penna, *Cidade da Alma*, Revista de Estudos Políticos, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, nº 44, Jan, 1977.

[12] *Oriente-Ocidente*, Revista de Estudos Políticos, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, pp. 7-26, nº 144, 1962.

[13] Otto L. Resende, *O medo é amarelo*, Jornal Folha de São Paulo, 29/05/1991.

[14] Tadahiro Sekimoto, *Technological Innovation and Corporate Management for the 21st Century*, Computers in Industry, nº 14, pp. 257 - 263, 1990.

[15] Freda Utley, *Japan's Feet of Claw*, Faber and Feber Ltd, London, 1963.

[16] Franco Nogueira, *A Luta Pelo Oriente*, Ministério do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Portugal, 1957.